

[398]

RELIGIOSIDADE E PRECONCEITO EM RELAÇÃO À IDADE EM ADOLESCENTES, JOVENS ADULTOS E ADULTOS PORTUGUESES

Ana Maria Veríssimo Ferreira e Félix Neto

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

[Resumo] A tomada de consciência das preocupações sociais e os valores vivenciados ao longo da vida influenciam a definição dos projectos pessoais e profissionais e a forma como se exerce a cidadania, desenvolvendo a capacidade de respeitar os outros, as suas ideias, os sentimentos e as crenças e moldando as suas relações. As tradições culturais, as estruturas familiares e as vivências que temos ao longo da vida com crianças, jovens, adultos e idosos influenciam a forma como nos relacionamos e manifestamos os afetos positivos e negativos. No contexto português e mundial, caracterizado pelo aumento da população idosa, parece pertinente trazer a questão do envelhecimento à discussão conjunta de respostas sociais, nomeadamente analisando as atitudes que cada um de nós demonstra ter face às pessoas idosas. No entanto, os estudos são contraditórios sendo que muitos apontam para o facto das pessoas idosas serem percebidas pelos jovens de uma forma mais negativa. Esta investigação analisa a influência da religiosidade (grau de ligação e aceitação que cada indivíduo tem face à instituição religiosa e à forma como põe em prática as suas crenças e rituais) no idadismo (atitudes negativas, preconceito e discriminação em relação às pessoas idosas) em 635 portugueses com idades compreendidas entre os 12 e os 59 anos. Foram utilizadas medidas de religiosidade (atitudes, orientação e bem-estar) e psicológicas (solidão, afectos e idadismo). Podemos concluir que a idade

Introdução

Uma das áreas da psicologia da religião que tem gerado grande interesse, pesquisa e controvérsia é a relação entre a religião e o preconceito. Muito se poderá dizer numa análise histórica sobre estes dois conceitos sendo importante referenciar a importância das últimas décadas na visualização de muitos problemas mundiais relacionados com fundamentalismo religioso e autoritarismo.

Allport (1954) que estudou diversos anos o preconceito considerou que o efeito da religião no preconceito é paradoxal, tanto cria como evita o preconceito (Hood et al. 1996).

Alguns estudos referem que vários aspectos da religiosidade podem aumentar o preconceito, o que de acordo com as teorias defendidas de “amemo-nos uns aos outros” seria de esperar que a tendência fosse para diminuir o preconceito entre os membros da igreja. Usando uma variedade de medidas de devoção - afiliação religiosa, frequência de igreja, ortodoxia doutrinal, e outras - os investigadores encontraram consistentes correlações positivas com etnocentrismo, autoritarismo, dogmatismo, distância social, rigidez, intolerância e formas específicas de preconceito, especialmente contra os judeus e negros (Wulff, 1991).

O paradigma da orientação religiosa foi originalmente desenvolvido para explicar a complexa relação entre a religião e o preconceito. No seu trabalho, Allport notou uma inesperada relação entre frequência da igreja e preconceito étnico. Os ensinamentos religiosos nos anos sessenta advogaram igualdade para todos os homens e patrocinaram direitos civis, embora isso resultasse frequentemente em perda de membros da igreja. Face a isto os que frequentavam a igreja eram mais preconceituosos etnicamente dos que os que não frequentavam, o que originava um conflito entre os ensinamentos e os resultados. Depois de uma análise, Allport encontrou uma relação curvilínea entre os escores da frequência da igreja e o preconceito, as pessoas que frequentavam a igreja com muita frequência (1 ou mais vezes por mês) e as pessoas que não frequentavam a igreja tinham baixos níveis de preconceito ao contrário das pessoas que frequentavam a igreja uma ou duas vezes por mês. Allport concluiu que tanto as atitudes raciais como a frequência da igreja eram motivadas por um terceiro factor ao qual chamou orientação religiosa (Trimble, 1997).

De uma maneira geral, a orientação extrínseca aparece positivamente correlacionada com o preconceito enquanto a orientação intrínseca está negativamente correlacionada com

influencia os preconceitos em relação à idade sendo que, os adultos inquiridos (30 aos 59 anos) discriminam mais os idosos do que os adolescentes (12 aos 18 anos) e que os jovens adultos (19 aos 29 anos). Os rapazes e os homens têm mais preconceitos em relação à idade do que as raparigas e mulheres. A religiosidade também influencia: os indivíduos que dizem ser cristãos e os que revelam ter níveis mais elevados de bem-estar religioso são menos preconceituosos. Os que têm maior bem-estar existencial e são mais satisfeitos com a vida também são menos preconceituosos em relação aos idosos. Os mais preconceituosos sentem-se mais sós e revelam ter mais afetos negativos (sentem-se mais aborrecidos, culpados, irritáveis, nervosos, agitados e inquietos, medrosos e magoados). Educar para as relações e para os afetos é o desafio na promoção do bem-estar.

[Palavras-chave] *Religiosidade, Preconceito, Idadismo, bem-estar*

o preconceito, sendo a ausência de preconceitos tipicamente interpretado como um sinal de uma maturidade psicológica, no entanto têm aparecido estudos que não confirmam estas ideias em relação a grupos específicos, nomeadamente em relação aos homossexuais.

O preconceito é maior para os que têm uma religiosidade extrínseca maior do que para aqueles com uma religiosidade intrínseca (Argyle, 2005). Batson e outros (1993) argumentaram que os intrínsecos aceitam os grupos minoritários quando o preconceito contra eles foi proscrito pela sua igreja, mas podem ter preconceitos contra outros grupos. Estes autores descobriram que os intrínsecos não tinham preconceitos contra os judeus ou negros, mas sim contra os homossexuais e os comunistas.

A maioria das religiões incitam os seus membros a comportarem-se bem em relação aos outros, a amar os vizinhos e mesmo os inimigos. Daí ter sido uma surpresa descobrir que os membros das igrejas são geralmente mais preconceituosos em termos raciais do que os não membros (Adorno e outros, 1950). Batson e outros (1993) mostram uma relação clara entre a ida à igreja e outras medições de religiosidade e preconceito racial. Os menos preconceituosos são pessoas que não são membros de uma igreja.

Em certos estudos o padrão é curvilíneo (Struening, 1963): os mais e menos religiosos são os menos preconceituosos. Este padrão também foi encontrado noutros estudos (Perkins, 1985). As atitudes humanitárias e igualitárias são menores para aqueles com atitudes religiosas fracas, as atitudes racistas são mais fortes para aqueles com atitudes religiosas moderadas. O clero é muitas vezes mais liberal nestas matérias do que as suas congregações. Algumas denominações são mais preconceituosas do que outras. Parece que a igreja tem um efeito positivo nas atitudes raciais na Holanda em que a igreja tem valores humanitários, que promovem a solidariedade social e a caridade, e opõe-se ao fundamentalismo (Billiet, 1995). No entanto, as pessoas religiosas em geral, são mais preconceituosas do que as não religiosas. Apresenta-se três explicações possíveis: 1- os grupos religiosos são muito coesos e apoiam-se mutuamente, o que pode levar à rejeição daqueles que não são membros. O nível

de intimidade entre os membros de uma igreja é alto e o preconceito é realçado no que diz respeito às relações íntimas; 2- os fundamentalistas tendem também a serem autoritários de extrema direita, pois encoraja a obediência à autoridade, convencionalismo e sentimentos de superioridade (Altmeyer e Hunsberger, 1992); 3- O ensino religioso pode encorajar o preconceito.

Os membros de uma igreja são mais preconceituosos, o que é contrário aos ensinamentos da igreja, mas não é verdade para os mais activos excepto nos fundamentalistas. Há também preconceito contra membros de uma igreja diferente. Isto é consistente com a ideia de que a religião é um fenómeno social, que cria laços entre os seus membros e afasta-os dos não membros (Argyle, 2005).

“As crenças são uma fonte importante de atitudes preconceituosas, sendo alguns preconceitos baseados em ideologias ou políticas. (...) Também tem sido evidenciada uma correlação entre certas medidas de religiosidade e preconceito que pode ser explicado tendo em conta o papel da religião como regulador social. A ligação religião- preconceito desaparece todavia quando a religião é encarada em termos de compromisso ético e não tanto de membro da igreja ou da ortodoxia.” (Neto, 1998, p.552). Canero e Solanes (2002) referem que com uma adequada formação na convivência e na multiculturalidade, diversidade de raças, etnias e religiões, a relação religião/preconceito pode obter algum dia uma relação negativa, independentemente da religião que se professe.

Existem diferentes tipos de preconceito que e discriminação que têm sido estudadas ao longo dos tempos. Para além do racismo e do sexismo, o idadismo tem surgido nas nossas sociedades atuais a par do estudo do envelhecimento da população e da necessidade de se encontrarem respostas sociais que assegurem o mínimo de bem-estar face ao aumento da esperança de vida.

O preconceito em relação à idade coloca-se, assim em termos individuais e institucionais, sendo esta uma forma mais abrangente para a qual é urgente definir um plano de ação mais eficaz.

O idadismo é o preconceito e a discriminação em relação a qualquer

grupo etário, tendo sido estudados por Neto (1993, 2000, 2004) como um “sistema de crenças que atribuem a membros de grupos de diferentes idades simplesmente pelo facto de pertença a esses grupos” (Neto, 2004, p.284).

Face à diversidade de resultados obtidos nas várias investigações sobre os diferentes preconceitos, este estudo pretende analisar a influência da religiosidade, entendida como o grau de ligação e aceitação que cada indivíduo tem face à instituição religiosa e à forma como põe em prática as suas crenças e rituais, no idadismo - preconceito e discriminação em relação às pessoas idosas.

Considera-se, à partida que podem existir diferenças nessa manifestação de preconceito de acordo com as idades dos inquiridos.

O estudo

A amostra é constituída por 635 indivíduos portugueses, com idades compreendidas entre os 12 e os 59 anos, com uma idade média de 26,3 anos e estão distribuídos por 3 grupos de idade: 225 adolescentes, entre os 12 e os 18 anos (35,4%), 209 jovens adultos entre os 19 e os 29 anos (32,9%) e adultos com idades compreendidas entre os 30 e os 59 anos (31,7%). 431 são do sexo

feminino (47,1%) e 204 são do sexo masculino (32,1%). 538 são cristãos e 97 dizem não ter religião. 199 são crentes praticantes, 291 crentes não praticantes e 145 referem não ser crentes nem praticantes.

Foram utilizados diversos instrumentos de recolha de dados tanto no que se refere às medidas de religiosidade como a medidas psicológicas cuja breve caracterização se apresenta no anexo 1. Os questionários foram aplicados na região de Lisboa sendo preenchidos em regime de voluntariado, sendo o anonimato assegurado.

Resultados

Foram analisadas as escalas que constam do instrumento de recolha de dados quanto à sua consistência interna, tendo apresentado, na generalidade e para esta amostra uma boa consistência interna:

Escala de Atitudes face ao Cristianismo (Francis, 1978, Ferreira e Neto, 2002) Alfa de Cronbach = 0,96

Escala de Orientação Religiosa (Koenig, Patterson e Meador, 1997) Alfa de Cronbach = 0,84 – Orientação Intrínseca

Escala do Bem-Estar Espiritual (Paloutzian e Ellison, 1982)

Alfa de Cronbach: 0,92 – Bem-Estar Religioso e 0,75 – Bem-Estar Existencial

Escala de Satisfação com a Vida (Diener et al. 1985; Neto et al., 1980) Alfa de Cronbach = 0,84

Escala da Solidão (UCLA, Neto, 1989) Alfa de Cronbach = 0,82

Escala dos Afectos Positivos e Negativos (Watson, Clark & Tellegen, 1988) Alfa de Cronbach = 0,82 – Afectos Positivos e 0,81 – Afectos Negativos

Escala de Idadismo (Fabroni, 1990, Neto, 2004) Alfa de Cronbach = 0,89

Vou verificada a influência da idade, do género e da religião.

A idade influencia o idadismo (os preconceitos em relação à idade) ($F(1,633) = 52,8; p < 0,001$): os adultos inquiridos (30 aos 59 anos) discriminam mais os idosos do que os adolescentes (12 aos 18 anos) e que os jovens adultos (19 aos 29 anos).

Os rapazes e os homens têm mais preconceitos em relação à idade do que as raparigas e mulheres.

A religiosidade também influencia: os indivíduos que dizem ser cristãos e os que revelam ter maiores níveis de bem-estar religioso são menos preconceituosos.

Quadro 1 – Correlações entre as medidas em estudo

Medidas	Idadismo	correlações
Atitudes face ao Cristianismo	- 0,09*	Existem correlações negativas significativas entre as atitudes face ao cristianismo e o idadismo
Religiosidade Organizacional	- 0,06	A religiosidade organizacional não se correlacionou significativamente com o idadismo
Religiosidade Não Organizacional	- 0,6	A religiosidade não organizacional não se correlacionou de forma significativa com o idadismo
Religiosidade Intrínseca	- 0,04	A religiosidade intrínseca não influenciou significativamente com o preconceito em relação à idade
Bem-estar Religioso	- 0,08*	O bem-estar religioso tem uma correlação negativa significativa com o idadismo
Bem-estar existencial	- 0,27**	O bem-estar existencial tem uma correlação negativa significativa com o idadismo
Satisfação com a Vida	- 0,15**	A satisfação tem uma correlação negativa significativa com o idadismo
Afectos Positivos	0,03	Não há correlações significativas entre os afectos positivos e o preconceito.
Afectos Negativos	0,15**	Existem correlações positivas entre os afectos negativos e o preconceito e a discriminação em relação à idade
Solidão	0,36**	Existem correlações positivas entre a solidão e o preconceito e a discriminação em relação à idade

Foram, de seguidas analisadas as relações existentes entre as medidas religiosas e psicológicas e o idadismo.

Face aos resultados apresentados podemos dizer que, nenhuma das medidas de religiosidade estudadas teve correlações positivas. As atitudes face ao cristianismo e o bem-estar religioso tiveram correlações negativas significativas pelo que podemos referir que neste estudo com jovens e adultos portugueses evitaram o preconceito em relação à idade.

Conclusões

“O modo como os jovens e os adultos percebem os idosos pode variar segundo as sociedades em virtude de variáveis tais como as tradições, estrutura familiar, grau de contacto íntimo com os idosos e modernização” (Neto, 2004, p. 285)

Neste estudo os adultos inquiridos revelam ser mais preconceituosos e discriminatórios em relação aos idosos do que os dois grupos de jovens.

No que se refere às questões da religiosidade conclui-se que, tal como em alguns dos estudos anteriormente feitos, os resultados apontam para uma relação negativa em todas as medidas de religiosidade utilizadas, embora umas com resultados mais significativos do que outras:

Os portugueses com atitudes mais favoráveis ao cristianismo são menos preconceituosos e discriminatórios em relação à idade, assim como os que revelam ter maior bem-estar religioso.

A religiosidade organizacional e a não organizacional não influenciou o preconceito de forma significativa. A frequência da igreja ou outro local religioso não influenciou o preconceito e rezar e meditar também não influenciou.

Os portugueses com maior bem-estar existencial e mais satisfeitos com a vida são menos preconceituosos e discriminatórios em relação à idade.

Os portugueses que revelaram ser mais preconceituosos e discriminatórios em relação à idade, sentem-se mais sós e revelam ter mais afetos negativos (sentem-se mais aborrecidos, culpados,

irritáveis, nervosos, agitados e inquietos, medrosos e magoados).

Educar terá de passar por exercitarmos abordagens positivas na forma como nos relacionamos com os outros para promover o bem-estar e a satisfação com a vida em crianças, jovens, adultos ou idosos de acordo com os seus projetos de vida próprios, suas dificuldades e interesses. Exercer uma verdadeira cidadania é tomar consciência e ter a capacidade de nos envolvermos na resolução dos problemas sociais, é respeitar os outros independentemente dos seus valores, das suas crenças e das suas idades.

Referências Bibliográficas

Adorno, T. W. Frenkel-Brunswik, E., Levinson, D. J., e Sanford, R. N. (1950). *The Authoritarian Personality*. New York: Harper & Row.

Allport, G., 1954. *The nature of Prejudice*. Reading, Mass: Addison-Wesley.

Allport, G. W., e Ross, J. M. (1967). *Personal religious orientation and prejudice*.

Journal of Personality and Social Psychology, 5, 447-457.

Altemeyer, B., e Hunsberger, B. (1992). *Authoritarianism, religious fundamentalism, quest and prejudice*. *International Journal for the Psychology of Religion*, 2, 113-133.

Argyle, M. (2005). *Psychology and Religion. An Introduction*. London: Routledge, 3ª ed. (1ª ed., 2000 by Routledge).

Barros, J. H. (2000). *Psicologia da religião*. Coimbra: Livraria Almedina.

Batson, C. D., Schoenrade, P. A., e Ventis, W. L. (1993). *Religion and the individual: A social-psychological perspective*. New York: Oxford University Press.

Billiet, J. B. (1995). *Church involvement, individualism, and ethnic prejudice among Flemish Roman Catholics: new evidence of a moderating effect*. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 34, 224-233.

Canero, J. C. e Solanes, A. (2002). *Religión y prejuicio – Una relación paradójica?* *Psicología, Educação e Cultura*, 6, 2, 243-278.

Diener, E. (1984). *Subjective well-being*. *Psychological Bulletin*, 95, 542-575.

Diener, E., Emmons, R. A., Larson, R. J. e Griffin, S. (1985). *The Satisfaction with life scale*. *Journal of Personality Assessment*, 49, 71-75.

Ferreira A.V., e Neto, F. (2002b). *Dois tipos de internalização religiosa: introjecção e identificação*. *Psicologia, Educação e Cultura*, 6, 2, 321-334.

Ferreira, A. V. (2006). *Religiosidade em alunos e professores portugueses*. Tese de doutoramento em Ciências da Educação na especialidade de Educação Intercultural. Lisboa: Universidade Aberta (policopiado).

Ferreira, A. V., e Neto, F. (2002a). *Psychometric properties of the Francis Scale of Attitude towards Christianity*. *Psychological Reports*, 91, 995-998.

Fraboni, M., Saltstone, R., Hughes, S. (1990). *The Fraboni Scale of Ageism (FSA): An attempt at a more precise measure of ageism*. *Canadian Journal on Aging*, 9, 56-66.

Francis, L. J. (1978). *Attitude and longitude: A study in measurement*. *Character Potencial*, 8, 119-130.

Francis, L. J. (1987). *Measuring Attitudes towards Christianity among 12-18 year old pupils in Catholic schools*. *Educational Research*, 29, 230-233.

Francis, L. J., e Stubbs, M. T. (1987). *Measuring attitudes towards Christianity: from childhood into adulthood*. *Personality and Individual Differences*, 8, 5, 741-743.

Herbert, R. S., Weinstein, E., Martire, L. M., e Shultz, R. (2006). *Religion, spirituality and well-being of informal caregivers : A review, critique, and reserch prospectus*, 10(5) : 497-520 by Routledge.

Hill, P. C., e Hood, R. W. (1999). *Measures of Religiosity*. Birmingham, Alabama: Religious Education Press.

Hood, Spilka, Hunsberger e Gorsuch (1996). *The Psychology of Religion – An Empirical Approach*. New York: The Guilford Press.

Johnson, D. P., e Mullins, L. C. (1989). *Subjective and social dimensions of religiosity and loneliness among the well elderly*. *Review of Religious Research*, 31, 3-15.

Johnstone, R. L. (1988). *Religion in society: A sociology of religion* (3rd ed.). Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.

Koenig, H. G. (1995). *Religion and health in later life*. In M. A. Kimble, e S. H. McFadden,

(Eds.), *Aging, spirituality, and religion: A handbook*. Minneapolis, MN: Fortress Press.

Koenig, H. G., George, L. K., Meador, K. G. (1997). Religion Index for psychiatric research: A 5-item measure for use in health outcome studies. *American Journal of Psychiatry*, 154 (6), 885.

Levin, J. S., e Chatters, L. M. (1998). Religion, health, and psychological well-being in the older adults: Findings from three national surveys. *Journal of Aging and Health*, 10, 504-531.

Neto, F. (1989). Avaliação da solidão. *Psicologia Clínica*, 2, 65-79.

Neto, F. (1992). Solidão, embaraço e amor. Porto: Centro de Psicologia Social. Neto, F. (1998). *Psicologia Social I*. Lisboa: Universidade Aberta.

Neto, F. (2000). *Psicologia Social II*. Lisboa: Universidade Aberta.

Neto, F. (2004). Idadismo in Lima, M. E. e Pereira, M. E. (org.) *Estereótipos, preconceitos e discriminação – perspectivas teóricas e metodológicas*, pp. 279-231.

Neto, F., e Ferreira, A.V. (2004). Psicologia da religião. In Félix Neto (coord). *Psicologia Social Aplicada*. Lisboa: Universidade Aberta, pp. 160-202.

Paloutzian, R. F. e Ellison, C. W. (1982). Loneliness, spiritual well-being and quality of life. In Peplau e Peplau (Eds), *Loneliness: A sourcebook of current theory, research and therapy*. New York: Wiley Interscience, pp.224-237.

Perkins, H. W. (1985). A research note on religiosity as opiate or prophetic stimulant among students in England and the United States. *Review of Religious Research*, 26, 269-280.

Russell, D.; Peplau, L.; Cutrona, C. (1980). The Revised UCLA Loneliness Scale: concurrent and discriminant validity evidence. *Journal of Personality and Social Psychology*, v.39, p.472-480, 1980.

Russell, D.; Peplau, L.; Ferguson, M. (1978). Developing a Measure of Loneliness. *Journal of Personality Assessment*, v.42, p.290-294.

Simões, A. (1993). São os homens mais agressivos que as mulheres? *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXVII, 387 – 404.

Slaughter-Defoe, D. T. (1995). Revisiting the concept of socialization: Caregiving and teaching in the 90s – a personal perspective. *American Psychologist*, 50, 276-286.

Struening, E. I. (1963). Anti-democratic attitudes

in a Midwest university. In H. H. Remmers (ed.), *Anti-democratic attitudes in American schools*, pp. 210-258. Evanston, Ill.: Northwestern University Press.

Taylor, R. J., Mattis, J., e Chatters, L. M. (1999). Subjective religiosity among African Americans: A Synthesis of findings from five national samples. *Journal of Black Psychology*, 25, 524-543.

Trimble, D. E. (1997). The religious orientation scale: Review and meta-analysis of social desirability effects. *Educational and Psychological Measurement*, 57, 970- 986.

Van Dyque, C. J. e Elias, M. J. (2007). How forgiveness, purpose, and religiosity are related to the mental health and well-being of youth: A review of the literature. *Mental Health, Religion & Culture*, 10(4): 395-415 by Routledge.

Watson, D., Clark, L. e Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of positive e negative affect: The PANAS Scales. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 1063 – 1070.

ANEXO 1

Breve caracterização das medidas de religiosidade e psicológicas utilizadas neste estudo.

Escala de Atitudes face ao Cristianismo (Francis, 1978, Ferreira e Neto, 2002)

A Escala de Atitudes face ao Cristianismo foi originalmente aplicada por Francis, 1978 e por Francis e Stubb, 1987 (Attitude Toward Christianity Scale) e foca unicamente a percepção das pessoas sobre a religião cristã. Referências a Jesus, à Bíblia e a rezar são usadas para medir o interesse pela religião. A Escala de Atitudes face ao Cristianismo é uma escala do tipo Lickert composta por 24 itens, uns de orientação positiva (itens 2, 3, 4, 6, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 19 21, 22 e 23) e outros de orientação negativa (itens 1, 5, 7, 8, 16, 18, 20 e 24) e foca temas que se relacionam com os cinco componentes da fé cristã: Deus (itens 9,10,11,12,17,19,21, 23 e 24) , Jesus (itens 2, 6, 14, 18 e 22), Bíblia (itens 1 e 16), Rezar/Oração (itens 3, 8, 13, 15 e 20) e Igreja (itens 4, 5 e 7). A escala é composta por 5 hipóteses de resposta

para cada item (concordo plenamente, concordo, indeciso, discordo, discordo totalmente).

Escala de Religiosidade de Duke (Koenig, Patterson e Meador, 1997)

A Duke Religion Index (Koenig, Patterson, e Meador, 1997) mede três das maiores dimensões da religiosidade: a dimensão organizacional, a não organizacional e a religiosidade intrínseca. A escala é composta por 5 itens, sendo o primeiro sobre a religiosidade organizacional (frequência da igreja ou outros serviços religiosos), a segunda sobre a religiosidade não organizacional (actividades religiosas privadas como rezar, meditar ou estudo da Bíblia) e os 3 últimos itens referentes à dimensão intrínseca da religiosidade (experiência e crença religiosa).

Escala do Bem-Estar Espiritual (Paloutzian e Ellison, 1982, Ferreira, 2006)

A Escala do Bem-Estar Espiritual foi desenvolvida como uma medida geral da qualidade subjectiva de vida, sendo vista como holística. É uma medida psicológica global sobre a percepção do Bem-Estar espiritual. Foi desenvolvida por Paloutzian e Ellison em 1982 e por Ellison em 1983. A escala foi concebida para medir nas pessoas o seu bem-estar espiritual global, sendo percebida por eles como uma sensação de bem-estar religioso e de bem-estar existencial. Na elaboração da escala foram consideradas e incluídas tanto a dimensão religiosa como a psicossocial. Na dimensão religiosa é focada a forma como cada um percebe o bem-estar na sua vida espiritual e como se expressa em relação a Deus e na dimensão psicossocial refere-se a como a pessoa está adaptada ao seu auto-conceito, à comunidade e ao que o rodeia. Esta componente envolve os propósitos de vida, a satisfação com a vida e as experiências positivas e negativas.

Com base nestes conceitos foi construída a escala do Bem-Estar Espiritual com 20 itens, que está dividida em duas sub-escalas – o Bem-Estar Religioso e o Bem-Estar Existencial, cada uma com 10 itens. A escala tem 6 hipóteses de resposta variando do 1 – discordo fortemente,

ao 6 – concordo fortemente. Em cada sub-escala os escores podem variar do 10 ao 60, sendo que na escala total os escores podem variar do 20 ao 120.

Escala dos Afectos Positivos e Negativos (Watson, Clark e Tellegen, 1988, Simões, 1993)

A escala original – Positive and Negative Affect Schedule (PANAS) foi desenvolvida por Watson, Clark e Tellegen em 1988, é composta por 20 itens e surge da necessidade de desenvolver uma medida para avaliar o afecto positivo e negativo que fosse de fácil aplicação, sendo breve e válida. A versão utilizada neste estudo é uma escala de 22 itens, validada por Simões (1993), tendo o investigador acrescentado 1 item em cada subescala. A consistência interna desta escala apresentou um alfa de Cronbach de 0,82 para os Afectos Positivos (0,88 na versão original) e 0,85 para a subescala dos Afectos Negativos (0,87 na versão original) no estudo realizado por Ferreira e Neto, 2011)

Escala de Satisfação com a Vida (Diener, Emmons, Larson e Griffin, 1985; Neto, 1999)

A Escala de Satisfação com a Vida foi na sua versão original estruturada e aplicada por Diener et al. (1985) com o objectivo de “avaliar o juízo subjectivo que cada indivíduo faz sobre a qualidade da sua própria vida” (Seco, 2000, p.288). Em Portugal a Escala foi validada por Neto et al. em 1990 com professores do ensino básico e secundário, tendo obtido uma consistência interna de 0,78.

Na opinião de Neto (1997, p.144) os autores “desenvolveram a Escala de Satisfação com a Vida (SWLS) preenchendo a necessidade de uma escala multi-item para medir a satisfação com a vida enquanto processo de julgamento cognitivo”.

A Escala é constituída por 5 itens de orientação positiva, com 7 hipóteses de resposta (escala tipo Likert) – do fortemente em desacordo ao fortemente de acordo, variando a pontuação de cada sujeito entre um mínimo de 5 e o máximo de 35 pontos.

Num estudo com alunos portugueses católicos do ensino superior (Ferreira e Neto, 2002) o alfa de Cronbach obtido foi de 0,78 (igual à que foi obtida por Neto et al. em 1990 com uma amostra de 308 professores portugueses).

Escala de Solidão (Russell, Peplau, Ferguson, 1978; Neto, 1989)

A escala de solidão da UCLA (“University of California at Los Angeles”), foi estruturada e testada originalmente por Russel, Peplau e Ferguson, 1978; Russel, Peplau e Cutrona, 1980. Em Portugal foi validada por Neto em 1989.

Existem diversas abordagens teóricas da solidão, sendo perspectivas ligadas ao trabalho clínico, à análise social e à investigação que focam a natureza do fenómeno e as suas causas. De acordo com Neto (1992, p.21) Os autores vêem normalmente a solidão como uma experiência desagradável”, sendo experienciada por “uma vasta camada da população”.

Têm sido utilizados diversos instrumentos para avaliar a solidão – uns fazendo uma abordagem unidimensional – “a solidão é encarada como um fenómeno unitário que varia sobretudo na intensidade experienciada”; e outras fazendo uma abordagem multidimensional – “considera a solidão um fenómeno multifacetado que não pode ser apreendido só por uma medida global de solidão” (Neto, 1992, p.22). A Escala de Solidão da UCLA é uma abordagem unidimensional da solidão como estado psicológico. A escala é constituída por 18 itens de escolha múltipla de quatro hipóteses de resposta (1-nunca, 2-raramente, 3-algumas vezes e 4-muitas vezes).

Escala de Idadismo (Fraboni, 1990, Neto, 2004)

O termo idadismo foi inicialmente usado para descrever o preconceito e a discriminação perante pessoas idosas (Butler, 1969). A escala original – Fraboni Scale of Ageism (Fraboni, Salstone, e Hughes, 1990) era composta por 29 itens que analisam as componentes cognitiva e afectiva do idadismo. A adaptação portuguesa é composta por 22 itens (Neto, 2004). As hipóteses de resposta apresentam-se numa escala de Lickert de 7 pontos (1 – fortemente em desacordo e 7 – fortemente de acordo).